

## O PARATEXTO PREFACIAL DE TRADUÇÃO LITERÁRIA: O CASO DOS

### *HAMLETS* BRASILEIROS

#### *THE PREFATORY PARATEXT OF LITERARY TRANSLATION: THE CASE OF THE BRAZILIAN HAMLETS*

Pedro Luís Sala Vieira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo constitui uma reflexão crítica da função do paratexto prefacial do texto traduzido de quinze traduções da peça *Hamlet*, de William Shakespeare. Esta pesquisa parte do pressuposto de que paratextos de tradução contribuem para a compreensão de fenômenos relacionados ao texto traduzido e para a recepção de obras literárias em culturas diversas (BATCHELOR, 2018; TAHIR-GURÇAGLAR, 2002). Este estudo pretende, portanto, ampliar a discussão a respeito do discurso prefacial como objeto de pesquisa fundamental para o estudo de traduções.

Palavras-chave: paratextos; tradução; Hamlet.

**ABSTRACT:** This article is a critical reflection of the function of the prefatory paratext of the translated text of twelve Brazilian translations of *Hamlet* by William Shakespeare. This research is grounded on the assumption that the paratexts of translation contribute to understand the phenomena related to the translated text and the reception of literary works in diverse cultures (BATCHELOR, 2018; TAHIR-GURÇAGLAR, 2002). This study intends thus to broaden the discussion on the prefatory discourse as a crucial research object for the study of translations.

Keywords: paratexts; translation; Hamlet.

---

<sup>1</sup> Doutorando, UFF.

## 1. INTRODUÇÃO

Na concepção de André Lefevere (1992), a tradução constitui um tipo de reescrita do texto-fonte na qual este incorpora a ideologia e a poética dominante do contexto imediato da nova cultura em que se inscreve. A partir desse princípio, é possível afirmar que cada tradução de uma mesma obra revela uma forma distinta de apresentar determinado texto literário ao leitor. Os paratextos, na condição de componentes textuais que apresentam a obra e asseguram sua presença no mundo (GENETTE, 1997), assumem um papel fundamental no contexto do texto traduzido, pois são responsáveis por construir a mediação do texto literário com a nova cultura receptora.

O presente artigo, com base na análise realizada em dissertação de Mestrado a respeito do tema (VIEIRA, 2018) e em diálogo com outras pesquisas que tratam da temática, reflete sobre a função do paratexto prefacial de tradução literária por meio da análise de doze traduções brasileiras de *Hamlet*<sup>2</sup>, de William Shakespeare. A denominação “paratexto prefacial” engloba neste artigo não apenas os prefácios propriamente ditos, mas também outros textos situados no entorno do livro, como introduções, posfácios e textos de orelha de livro e contracapa.

## 2. A PARATEXTUALIDADE DE TRADUÇÃO LITERÁRIA

Gérard Genette (1997), autor de *Paratexts: thresholds of interpretation*<sup>3</sup>, situa o paratexto como um fenômeno transtextual<sup>4</sup> que assegura a presença da obra no

---

2 Como o presente artigo aproveita o *corpus* e os resultados obtidos na pesquisa de Mestrado realizada em 2018, não foi incluída a tradução de Geraldo Carneiro publicada pela Maneira Advogados em 2019.

3 Título da tradução inglesa de *Seuils* (título original da obra em francês publicado em 1987).

mundo, influenciando a sua recepção e constituindo-se em uma zona fronteira entre o texto e o receptor. Essa definição atribui ao paratexto a função de estimular o leitor a usufruir a obra, destacando seus elementos positivos e justificando a sua relevância cultural. Essa característica contribui para que ele seja um espaço de promoção comercial do livro, delimitando o público-alvo e definindo o objetivo da publicação.

No texto traduzido, a função do paratexto no sistema receptor levanta diversas questões. Na concepção de Kathryn Batchelor (2018), autora de *Translation and Paratext*, o paratexto não compõe apenas espaço de introdução e/ou mediação, mas também intervenção e transformação, constituindo um espaço com potencial de modificar a recepção de determinado texto na cultura receptora. Şehnaz Tahir-Gürçaglar (2002), por exemplo, aponta que a análise de paratextos de tradução constitui uma forma de elencar conceitos e definições diferentes a respeito de tradução em determinado contexto cultural e histórico: “O estudo deste material pode nos prover pistas valiosas a respeito de como a tradução foi concebida e também das condições sob as quais as traduções foram produzidas e consumidas”<sup>5</sup> (TAHIR-GÜRÇAGLAR, 2002, p. 58-59, tradução minha). Nesse sentido, os paratextos podem constituir fontes sistemáticas de recriação das normas tradutórias.

Márcia Martins (2015) aplica essa reconstrução em seu artigo “A voz dos tradutores shakespearianos em seus paratextos”, no qual coteja o discurso dos tradutores nos elementos paratextuais a respeito do processo tradutório com o texto traduzido, buscando observar se as decisões e escolhas tradutórias correspondem àquilo que fora por eles proposto. Em pesquisa semelhante, Carmen Toledano Buendía (2013) caracteriza o paratexto como artifício para que a voz do tradutor seja ouvida,

---

4 Além da paratextualidade, Genette também aborda relações transtextuais de intertextualidade (relação entre textos), metatextualidade, arquitextualidade e hipertextualidade. Para aprofundar-se no tema, consultar a obra *Paralimpsestes: la littérature au second degré*.

5 No original: “The study of such material may offer useful clues not only about how translation was defined, but also about the conditions under which translations were produced and consumed” (TAHIR-GÜRÇAGLAR, 2002, p. 58-59).

além de alegar que o estudo de notas de tradução e outros tipos de paratexto podem fornecer informações relevantes para a contextualização dos processos tradutórios e compreensão das normas e políticas vigentes na época da publicação da tradução.

Teresa Dias Carneiro (2014), ao discutir o prefácio de tradutor como gênero autônomo, argumenta que esse tem como objetivo realçar a importância do texto traduzido e da qualidade da obra, evocando um discurso modesto perante o texto “original”, cuja intenção e verdade são inalcançáveis pela tradução. Essa atitude “amplificadora” que enaltece o texto literário se conjuga a uma postura escusatória na qual o tradutor se refugia no manto da obra original para impedir possíveis críticas ao seu trabalho.

São diversos os ângulos pelos quais se pode analisar e discutir a função do paratexto prefacial na tradução literária. No caso do presente estudo, o foco reside no discurso construído no paratexto prefacial — doravante denominado *discurso prefacial* — das traduções brasileiras de *Hamlet* com o intuito de demonstrar como esses componentes abordaram o autor, a obra e a própria tradução sob uma perspectiva diacrônica.

### 3. AS TRADUÇÕES DE *HAMLET* NO BRASIL: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA

A história das traduções da peça shakespeariana no Brasil se inicia com a publicação da primeira versão em forma integral da peça, traduzida pelo poeta e advogado Tristão da Cunha e publicada em 1933 pela Editora Schmidt, intitulada “A tragédia de *Hamleto*, Príncipe da Dinamarca” (SHAKESPEARE, 1933). Trata-se de uma das poucas obras que informa em sua folha de rosto o texto-fonte utilizado: *The Works of William Shakespeare*, editado por William Aldis Right e publicado pela Macmillan em Londres e Nova York em 1904. Tanto o prefácio quanto o texto traduzido foram redigidos em prosa seiscentista, revelando uma tentativa de adaptar a linguagem da

obra ao tempo de Shakespeare. O prefácio, de autoria de Cunha, se caracteriza pela exaltação à figura de Shakespeare, expressa nas palavras de louvor atribuídas ao bardo inglês como “gênio literário” e “excessivo como o sol”, situando o dramaturgo em um patamar inalcançável no panteão dos grandes escritores em virtude de sua “incomparável magia de expressão”.

O prefácio de Cunha também apresenta uma avaliação crítica de sua própria tradução, resumida na seguinte passagem: “Traduzi sem esquecer aquele aviso de Rivarol<sup>6</sup>, para quem muita vez é preciso sacrificar a palavra para não trair o espírito” (p. 06). Acrescenta também que a melhor tradução é aquela que mais se aproxima do original, o que revela uma visão tradicional de tradução, pois é preciso “sacrificar a palavra”, isto é, abster-se da fidelidade textual para transmitir a intencionalidade e a mensagem do autor, imbuídas da suposta verdade sobre a obra.

O caráter laudatório no discurso voltado a Shakespeare e sua obra também marca o breve paratexto prefacial da segunda tradução da peça, do poeta e tradutor paulista Oliveira Ribeiro Neto (SHAKESPEARE, 1960), publicada originalmente em 1948<sup>7</sup> pela editora paulista Martins Fontes. Essa versão apresenta apenas um breve texto introdutório na orelha do livro com caráter promocional e sem autoria definida. Nessa apresentação, Shakespeare é exaltado de forma genérica, sendo tratado como uma figura de caráter universal: “Até os regimes políticos respeitam Shakespeare, que é representado em todas as nações, seja qual for o seu regime ou ideologia” (s/p). O paratexto também chama a atenção para uma espécie de eternidade da obra shakespeariana, destacando que sua ampla aceitação no mundo político e literário garantem sua “perenidade” e “indestrutibilidade”, constituindo um “ponto de

---

6 Antoine de Rivarol (1753-1801) foi um escritor e polemista francês. No Brasil, a obra de Rivarol foi acolhida exatamente por Tristão da Cunha. Em *Coisas do Tempo* (1922), Cunha dedica o ensaio de introdução ao autor francês, intitulado *No Jardim de Rivarol* (CUNHA, Tristão da. *Obras de Tristão da Cunha*. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora; Brasília: INL, 1979, p. 28-56).

7 A edição utilizada no presente *corpus*, da mesma editora, é a reimpressão publicada em 1965, acompanhada das traduções de *Romeu e Julieta* e *Otelo*, do mesmo tradutor.

referência permanente”. Em suma, o breve paratexto de Ribeiro Neto se dedica a exaltar de forma acrítica a figura do autor, sem menção a outras questões relacionadas à obra ou à própria tradução.

A tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos, publicada em 1955 pela Editora José Olympio (SHAKESPEARE, 1955), contém paratextos mais elaborados. Em uma apresentação extensa intitulada “Introdução”, de autoria do próprio tradutor, são tratados diversos aspectos do texto de Shakespeare e de sua biografia. Trata das fontes do enredo da peça, discutindo a origem do conto do príncipe dinamarquês na obra *Gesta Danorum*, compilado de contos antigos do erudito dinamarquês Saxo Grammaticus, e que teria chegado ao bardo por meio da adaptação francesa da história de François de Belleforest. No aspecto da tradução, limita-se a apresentar justificativas relacionadas ao uso da versão do texto-fonte e de questões concernentes à alternância entre o verso e a prosa na tradução.

Na tradução posterior, de Carlos Alberto Nunes, publicada originalmente pela Editora Melhoramentos, (SHAKESPEARE, 1956), assim como na versão de Silva Ramos (SHAKESPEARE, 1955), permanece a preocupação em prover informações da obra e do autor ao público. Na edição utilizada neste corpus, publicada pela Ediouro em ano indefinido, a sua tradução — intitulada *Hamleto, Príncipe da Dinamarca* — é acompanhada de suas traduções das outras tragédias shakespearianas. O primeiro paratexto, intitulado “Introdução ao Plano do Teatro de Shakespeare”, serve como introdução geral à obra, discutindo variados aspectos em torno da obra shakespeariana: a comparação entre a crítica shakespeariana romântica e a moderna, acusando esta de buscar reduzir o autor a uma análise objetiva “para reconduzi-la ao domínio estritamente humano” (NUNES, s/d, p. 04), e não poupa o discurso laudatório quando ressalta que “depois da leitura de tantos estudos igualmente proveitosos, sentimo-nos ainda mais amesquinados diante da grandeza do poeta” (p. 04).

Após tratar brevemente da biografia e da cronologia de sua obra, Nunes realça a relevância de traduzir Shakespeare para outras culturas, a ponto de sustentar que “não será exagero afirmar que o valor dessas literaturas se calcula pela maneira por que têm reagido com relação a Shakespeare” (NUNES, s/d, p. 08), acrescentando posteriormente que “a influência de Shakespeare sobre uma literatura independe da excelência da tradução. Basta que seja Shakespeare” (p. 09). Nunes argumenta que se manteve fiel ao texto em inglês ao optar pelo decassílabo heroico nas passagens em verso por considerar esta forma mais próxima do padrão poético shakespeariano, mantendo a uniformidade do estilo nas passagens em verso branco. Em relação à prosa, afirma que buscou “fazer justiça à opulência do original” (p. 10).

Os outros dois paratextos, sem autoria definida, assemelham-se em matéria de conteúdo: o primeiro consiste em uma introdução intitulada *Hamleto* que retoma elementos relacionados à obra como fontes históricas e a sinopse do enredo, além de prover breves reflexões críticas a respeito da peça e enaltecê-la como a “obra-prima de Shakespeare” (s/d, p. 543). O autor destaca a profundidade dos personagens, sem os quais a peça não passaria de uma “vasta carnificina sem interesse” (s/d, p. 543). O segundo texto é um breve ensaio intitulado “Prefácio”, que retoma algumas informações contidas no prefácio anterior, novamente trazendo ênfase aos personagens cujas características únicas e peculiares moldam a relevância artístico-literária da peça.

Em 1968, a Editora Agir publica a tradução da professora e escritora Anna Amélia Carneiro de Mendonça, reeditada posteriormente em 1995 pela Nova Fronteira (SHAKESPEARE, 1995). Essa reedição apresenta dois prefácios, ambos escritos pela filha da tradutora, Bárbara Heliadora, crítica e especialista de grande notoriedade da obra shakespeariana. No primeiro, correspondente à edição da Agir, Heliadora conta que pediu à mãe que traduzisse a peça para uma série de aulas que ministraria na época para a Conservatório Nacional de Teatro, pois necessitava de

“uma tradução para o teatro, em que atores e diretores pudessem sentir o fluxo da ação” (HELIODORA, 1995, p. 07).

Nesse prefácio, Heliadora também comenta que a linguagem shakespeariana, popular e acessível ao público elisabetano, refletia a modernidade que se expandia de forma contemporânea ao dramaturgo, e discorre a respeito das características elementares da dramaturgia elisabetana, destacando a união dos traços do teatro medieval, dominado pelas histórias associadas à moral humana, com elementos do Renascimento, como a busca de autoconhecimento pelo indivíduo. Ao final desse prefácio, Heliadora engrandece a peça como a “mais fascinante” para atores e diretores, e um símbolo da evolução do homem diante das tarefas que lhe são impostas.

No prefácio posterior, Heliadora apresenta um discurso mais objetivo e igualmente didático, tratando essencialmente da biografia do autor, da história da publicação da peça, da origem do enredo e das diferenças entre as versões. Conclui esse texto com a seguinte afirmação a respeito das possibilidades de leitura da obra: “É privilégio do leitor fazer a sua própria montagem imaginária e refazê-la, alterá-la, aprimorá-la, segundo as descobertas que irá fazendo a cada nova leitura desse texto inesgotável” (HELIODORA, 1995, p. 23).

Um ano depois da publicação dessa tradução, a Editora José Aguilar publica a obra completa de Shakespeare traduzida em forma de parceria por Fernando Carlos de Cunha Medeiros e Oscar Mendes<sup>8</sup> (SHAKESPEARE, 1988). A edição analisada é uma reimpressão de 1988 e conta com quatro paratextos prefaciais. O primeiro é a nota editorial assinada por José Aguilar que se encarrega sumariamente de apresentar os tradutores, destacando também que o objetivo da editoria consistiu em alcançar “uma tradução mais fiel possível ao texto do autor” (AGUILAR, 1988, p. 12).

---

<sup>8</sup> De acordo com Márcia Martins (1999), embora essa informação não esteja explícita na edição analisada, Cunha Medeiros ficou encarregado de verter as passagens em prosa enquanto Oscar Mendes traduziu as canções.

O prefácio seguinte, intitulado “Shakespeare”, é de autoria de C. J. Sisson, reconhecido crítico britânico da obra shakespeariana, e traduzido por Cunha Medeiros. É o primeiro paratexto assinado por um especialista na obra shakespeariana presente em uma tradução da peça. A presença de um texto crítico indica uma preocupação com o leitor que pretende se informar sobre o autor em um panorama mais crítico e intelectual, sem limitar-se a tratar genericamente de aspectos biográficos ou elementos do enredo. Entre outras questões, Sisson trata da era elisabetana e do desenvolvimento do pensamento shakespeariano no decorrer dos séculos.

O paratexto seguinte, intitulado “A vida de Shakespeare na vida do seu tempo”, de autoria de Oscar Mendes, apresenta brevemente o contexto histórico vivido pelo dramaturgo, destacando que o avanço socioeconômico que se desenhava na Inglaterra daquela época ecoa em toda a obra shakespeariana: “Na sua obra, lida com a necessária atenção, descobre-se o retrato, a descrição, a paisagem humana, da Inglaterra elisabetana [...]” (MENDES, 1988, p. 46).

Antes da seção dedicada às tragédias, somos apresentados a uma nota introdutória, também de autoria de Oscar Mendes, que ressalta a relevância das tragédias para o cânone shakespeariano, além de discutir aspectos inerentes a esse gênero. *Hamlet* é caracterizado como a “tragédia da dúvida”, pois o homem se tortura para justificar em sua consciência seus atos e omissões. Quanto a Shakespeare, exalta seu gênio criador por insuflar vida a seus personagens a ponto de conferir a eles imortalidade. Por fim, cada peça do volume possui um paratexto prefacial que consiste de duas subseções intituladas, respectivamente, de “Sinopse” e “Dados Históricos”: a primeira apresenta uma breve descrição do enredo da peça, enquanto a segunda traz aspectos biográficos e históricos relacionados à obra e ao autor.

Depois de um hiato de quinze anos, é publicada a tradução de Geraldo de Carvalho Silos, pela Editora JB (SHAKESPEARE, 1984). Nessa versão, todos os

paratextos prefaciais são de autoria do tradutor. O primeiro, intitulado “Prefácio”, constitui um breve relato sobre o processo tradutório, descrevendo detalhes como os cinco anos de pesquisa na Biblioteca Nacional do Canadá. No segundo paratexto, intitulado “Introdução”, Silos recapitula diversos aspectos relacionados à obra e ao autor já assinalados por paratextos anteriores, como as fontes do enredo, o “Ur-Hamlet”, as diferentes versões da peça e o contexto histórico de sua produção. Entre todos os elementos trazidos por Silos neste extenso paratexto, podemos destacar o fato de ele mencionar o uso do *Oxford English Dictionary* para “decifrar” o que o próprio denomina “inglês elisabetano” de Shakespeare, linguagem por ele caracterizada pela indisciplina e extrema flexibilidade. Destaca a relevância de ler a peça de acordo com o seu tempo para “entender com clareza o que o público elisabetano — formado mais pelo povo do que pela classe alta — ouvia dos personagens” (SILOS, 1984, p. XXV).

Silos dedica uma seção do paratexto para tratar do tema da tradução, limitando-se a afirmar que, diante das escolhas que o trabalho lhe impõe, “o tradutor por necessidade transforma-se em crítico, tomando partido pela escolha que insira a decodificação no que ele pensa não só da palavra, da frase, mas de toda a peça” (SILOS, 1984, p. XXVI). Na seção intitulada “Notas”, no posfácio, Silos argumenta que o tradutor de Shakespeare se depara com dilemas interpretativos e ambíguos em virtude dos variados sentidos atribuídos a seus textos por especialistas norte-americanos e ingleses, concluindo que o tradutor deve manter-se na incerteza e buscar reproduzir o sentido vertical do texto. No resumo biográfico, detalha aspectos da vida de Shakespeare ainda não tratados em outros paratextos, como a origem familiar dos pais, hipóteses sobre a sua instrução acadêmica na infância e juventude, a inspiração na morte de Katherine Hamlet no rio Avon para escrever a cena da Ofélia, o casamento de Shakespeare com Anne Hathaway, o nascimento de sua filha Susanna e de seus filhos gêmeos e a morte prematura de seu filho Hamnet.

Em 1988, a L&PM publica a tradução de Millôr Fernandes. A versão de Fernandes apresenta um número reduzido de paratextos prefaciais, que se caracterizam pelo caráter breve e objetivo. O prefácio, intitulado “William Shakespeare (1564-1616)”, fornece informações biográficas sobre o autor, o panorama histórico de suas peças, uma breve contextualização histórica de sua época e comenta sobre características estruturais do teatro elisabetano que permitiam uma proximidade física dos atores com o público. Na conclusão, o autor é enaltecido como um dos maiores autores de todos os tempos em virtude da grandeza poética de sua linguagem, da profundidade filosófica de suas obras e da complexa caracterização dos personagens. Na contracapa, um breve texto editorial define a peça como uma obra que trata da condição humana e compõe uma dimensão trágica. Por fim, elogia a tradução de Millôr Fernandes, destacando seu posicionamento crítico em relação ao eruditismo presente em traduções anteriores que prejudicaria o caráter dramático do texto e a sua compreensão na língua de chegada.

A tradução posterior, de Mario Fondelli, publicada pela Newton Compton Brasil (SHAKESPEARE, 1996) apresenta apenas um breve paratexto prefacial intitulado “Nota bibliográfica”, que trata principalmente da publicação do *First Folio* de 1623 e da despreocupação de Shakespeare em publicar as suas peças, tarefa empreendida postumamente por seus colegas Heminges e Condell. Traça um panorama histórico do cânone dramático shakespeariano, trazendo breves comentários sobre a estrutura de seus trabalhos poéticos: os dois poemas narrativos — *The Rape of Lucrece* e *Venus and Adonis* — e seus 154 sonetos. Na conclusão, fornece informações bibliográficas da crítica shakespeariana. Na contracapa, um texto editorial sem indicação de autoria promove a obra e o autor. Caracteriza a peça *Hamlet* como “um dos êxitos mais felizes do extraordinário talento de Shakespeare” e define a personagem Amleto (conforme grafia do próprio texto) como uma figura de dois períodos históricos distintos, em “sua enigmática porém grande eloqüente inação [sic]” e “um homem eternamente em luta

com as antinomias da moral e com a necessidade de escolher a cada dia o seu próprio modo de agir” (1997, quarta capa). Ao fim da nota, apresenta uma minibiografia do bardo.

A tradução seguinte, de Elvio Funck, volta a conferir um papel preponderante ao paratexto prefacial. Professor de Literatura Inglesa da Unisinos, no Rio Grande do Sul, a sua versão foi originalmente publicada pela editora da universidade em 2003 (a edição do presente corpus é uma reimpressão de 2005) e se destaca por sua proposta de tradução interlinear, onde o texto em inglês é seguido por sua versão em português. No paratexto prefacial intitulado *Introdução*, Funck define Shakespeare como “profundo conhecedor da natureza humana”, cujas considerações escapam ao “leitor comum” (FUNCK, 2005, p. 07). Denomina traduções anteriores como “narrativa linear e superficial do enredo” (FUNCK, 2005, p. 07) e define a sua tradução como uma “tentativa de dar aos leitores de *Hamlet* a oportunidade de ler esta obra-prima da literatura universal com um pouco mais de profundidade” (FUNCK, 2005, p. 07), destacando que a decisão de publicar uma tradução interlinear teve o objetivo de agradar aqueles que apreciam comparar as duas versões.

Funck salienta que o objetivo original de sua tradução — segundo o próprio, uma tradução “pragmática e sem pretensões poéticas”, após declarar que apenas um poeta pode traduzir outro poeta — era fornecer um texto de leitura mais fluida a seus alunos de graduação, tratando as notas explicativas como essenciais para a compreensão de determinadas passagens da peça. Nesse sentido, o tradutor distingue leitores que apenas se interessam pelo enredo dos “verdadeiros leitores”, que seriam aqueles de fato interessados na obra e, portanto, devem buscar um amparo crítico e histórico para acompanhar a leitura. Em relação à tradução, Funck se limita a justificar determinadas decisões tradutórias na subseção *Questões gramaticais*, explicando aspectos relacionados à correspondência linguística no português dos pronomes *thou*, *thee* e *thy*, de uso comum na linguagem oral na época de Shakespeare.

Em 2010, a Editora Hedra publica a tradução de José Roberto O'Shea (SHAKESPEARE, 2010), professor da Universidade Federal de Santa Catarina. A versão de O'Shea constitui a tradução do Primeiro In-Quarto da peça, publicada em 1603. O paratexto inicial consiste em um texto de introdução dividido em três blocos, começando com um resumo biográfico de Shakespeare de tom laudatório, realçando a profundidade dos seus personagens, responsáveis por descrever a condição humana que garantiu a universalidade de suas obras. A segunda parte aponta que a diferença entre as três versões reside na extensão, estrutura, caracterização, nos nomes das personagens e nas rubricas, alegando que todas essas diferenças devem ser vistas como resultado de “impulsos criativos que visam à construção de textos dramáticos com funções específicas” (O'SHEA, 2010, p. 05). O último bloco apresenta um resumo biográfico do tradutor, destacando a sua trajetória acadêmica e os seus interesses de pesquisa.

O segundo paratexto prefacial, intitulado “Introdução”, de autoria do próprio tradutor, trata de características peculiares dessa versão da peça. O'Shea destaca que ela contém mais ação do que introspecção, constituindo uma versão resumida de uma peça extensa com qualidades dramáticas que superam as versões mais conhecidas. Traça um panorama histórico das performances desta versão no Brasil e no mundo, ressaltando que se trata de uma obra mais teatral que literária devido às suas qualidades dramáticas. Lança, por fim, uma proposta a diretores teatrais do país: “Nesse particular, já é hora de os contextos lusófonos serem contemplados com traduções e encenações do Hamlet de 1603, mais curto e enxuto” (O'SHEA, 2010, p. 31).

A tradução de Lawrence Flores Pereira (SHAKESPEARE, 2015), professor da Universidade Federal de Santa Maria, completa o corpus desta análise. Publicada pela Companhia das Letras em 2015 e premiada pelo Jabuti no mesmo ano, o paratexto da versão de Pereira apresenta elementos em comum com traduções anteriores, como

discussão das fontes do enredo e as diferentes versões da peça, mas também traz informações novas de base biográfica e bibliográfica ao longo dos quatro paratextos prefaciais que se encontram no seu conjunto.

No primeiro texto, intitulado “Introdução”, Pereira realça que Shakespeare desvia o tema de vingança diante da hesitação do protagonista em agir, embora a temática ainda permeie todo o enredo. Realça a cisão histórica que representa o contraste temporal entre o Rei Hamlet e o Príncipe Hamlet: “[...] o pai encarna o mundo arcaico, baseado no costume e na palavra, não penetrado pelo humanismo e sua sutil visão de mundo na qual a consciência do filho parece habitar” (PEREIRA, 2015, p. 16). Este paratexto é seguido pelo ensaio “Hamlet e seus problemas”, de T. S. Eliot, traduzido pelo próprio Pereira, no qual Eliot classifica a peça como um fracasso artístico por conta da “ausência de um equivalente objetivo aos sentimentos do personagem de *Hamlet*” (ELIOT, 2015, p. 38), deficiência também apontada pelo poeta norte-americano nos sonetos do Bardo. Pereira dedica um espaço breve para comentar a respeito da tradução na “Nota sobre a tradução”, ecoando as ideias de Haroldo de Campos sobre tradução de poesia, para quem essa constitui um “canto paralelo” que abarcaria outras vozes além da dita “original”. Justifica o uso do verso dodecassílabo como correspondente ao pentâmetro iâmbico, buscando evitar uma “ritmação excessivamente audível”: “O alexandrino presta-se perfeitamente às formas conversacionais, reflexivas e disruptivas” (PEREIRA, 2015, p. 47).

As traduções da obra, portanto, além de apresentar diferentes propostas interpretativas da peça shakespeariana, contêm diferentes formas de apresentar a obra e o autor, selecionando determinados assuntos e excluindo outros, além de conter variações em suas temáticas. Os paratextos, assim como o texto literário, se originam em determinado contexto socio-histórico, contendo um discurso — ou *discursos* — que remete a enunciados que adentram uma corrente histórica e são moldados por suas condições de produção (BRANDÃO, 2015). Esse discurso,

denominado *discurso prefacial*, forma temas e padrões que refletem a recepção histórica da figura shakespeariana pela cultura receptora.

#### 4. O DISCURSO PREFACIAL: TEMAS E PADRÕES PREDOMINANTES

A análise evidencia o propósito introdutório do paratexto prefacial, privilegiando a apresentação da obra e do autor por meio de determinados padrões temáticos: biografia do autor e seu contexto histórico; a origem da obra, principalmente no que tange ao seu enredo; comentários críticos a respeito da peça, seja para tratar das diferentes versões, seja para caracterizar a trama e os personagens. Todos esses temas são tratados ora de forma mais breve, ora de forma mais aprofundada e específica, repetindo informações já presentes em outros prefácios, mas também reformulando ou trazendo elementos novos.

O discurso prefacial com fins introdutórios também pode conter o caráter laudatório mencionado no início deste artigo, tendo como propósito enaltecer tanto as qualidades da obra quanto a figura do escritor. Esses discursos podem ser alimentados por vozes críticas, seja do próprio tradutor, seja de outros autores e estudiosos da obra. No caso da tradução de Cunha Medeiros e Mendes, temos um texto crítico de Sisson. Pereira, por sua vez, trouxe a visão de Eliot como uma espécie de contraponto à visão enaltecida da obra e do autor. O caráter laudatório começa a diminuir a partir do paratexto de Heliadora que, na posição de estudiosa e crítica da obra, inicia a desconstrução paulatina da imagem monumental do autor que se desdobra em um discurso mais crítico e objetivo no decorrer do tempo, observado principalmente nas traduções mais recentes.

O tema da tradução, por sua vez, ganha mais espaço e profundidade ao longo dos anos. Antes atrelado a uma visão tradicional que apregoa a necessidade de a tradução alcançar o “sentido” do texto original, como no caso dos paratextos de Cunha e Nunes,

essa concepção se modifica nas versões posteriores. Heliodora, no prefácio da tradução de Mendonça, preocupa-se mais com a linguagem dramática do que com a necessidade de reproduzir a originalidade de Shakespeare na língua-alvo. Silos, por sua vez, associa a sua tradução a uma tarefa de pesquisa e a um trabalho crítico, alertando, mais de uma vez, quanto às dificuldades que o texto shakespeariano impõe. Na tradução de Fernandes, o discurso se contrapõe à linguagem erudita comumente associada ao bardo. A tradução de Funck associa a tradução a um modo didático de apresentar Shakespeare a um público não especializado, enquanto Pereira realça o caráter polifônico da tradução de poesia.

Quando tratam do tema da tradução, notam-se dois padrões nos paratextos prefaciais. O primeiro, nos termos do presente estudo, se denomina “ideologia de tradução”, em que o autor do paratexto evidencia a sua própria visão de tradução. Os exemplos dos paratextos das traduções de Mendonça, Silos, Fernandes e Funck denotam esse padrão: Heliodora deixa clara a necessidade de traduzir o texto shakespeariano tendo em mente a performance teatral; Silos relaciona a tradução ao estudo crítico e aprofundado da obra como um modo de alcançar a sua verdade; o paratexto da tradução de Fernandes enfatiza a importância do uso coloquial do português para exprimir a linguagem shakespeariana e alcançar um público na mesma amplitude que Shakespeare no seu tempo; Funck critica traduções de *Hamlet* que se assemelham a uma leitura superficial do enredo, conferindo importância às notas explicativas para mediar a leitura para compreensão do receptor ou mesmo do “verdadeiro leitor”. Podemos também citar a tradução de Cunha, cujo uso do português seiscentista evidencia a sua posição de que a tradução deve reproduzir a linguagem da época da publicação da obra.

A outra face da abordagem tradutória nos paratextos diz respeito à discussão sobre as estratégias tradutórias e/ou o juízo que o prefácio cria a respeito do texto traduzido, assemelhando-se a uma análise crítica da própria tradução. Esse padrão

denomina-se, nos termos deste estudo, “discurso sobre a tradução”. Trata-se de uma abordagem mais concreta e descritiva em que se enumera e discute aspectos e características relacionados à própria tradução. Cunha oferece indícios desse padrão em seu prefácio, mas Silva Ramos é o primeiro a se dirigir ao leitor a respeito de decisões tradutórias de relevância. Nunes também comenta seu processo, embora não entre em detalhes. Silos, conforme observado na análise apresentada, é o primeiro a discutir o seu processo tradutório de forma mais aprofundada, fornecendo detalhes de sua experiência de pesquisa e como os resultados obtidos influenciaram o produto final. As traduções mais recentes, principalmente as três últimas que compõem o *corpus* desse estudo, tratam a questão da tradução com mais naturalidade, embora a reflexão em relação ao processo estejam presentes nas notas explicativas.

O paratexto prefacial de tradução literária, com base nos temas principais destacados acima, cumpre duas funções primordiais: apresentar a obra à cultura receptora, seja introduzindo elementos relacionados à obra e ao autor, seja mediando a relação com o leitor por meio da indução da recepção da obra — muitas vezes com fins promocionais; e discutir aspectos de tradução, no qual se apresenta uma posição teórica sobre o tema e/ou se trata de questões práticas relacionadas ao processo tradutório.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama apresentado aponta que os enunciados paratextuais se modificam no decorrer dos anos, indicando uma evolução discursiva do paratexto prefacial que se alinha às mudanças no contexto sócio-histórico. A necessidade de apresentar a obra literária permanece latente no decorrer dos anos, alternando apenas os temas e a constituição do discurso. Quanto ao outro tema predominante, a análise indica a

evolução de determinada visão sobre a prática em questão, adquirindo espaço nos paratextos e apresentando uma discussão mais sofisticada sobre o tema.

O estudo do discurso no paratexto prefacial de tradução literária ainda pode trazer muitas contribuições aos estudos da tradução literária e da recepção de obras na cultura-alvo. O foco no paratexto de tradução permite uma compreensão mais aprofundada dos aspectos que influenciam o texto traduzido e a sua relação com a cultura receptora. É fundamental, portanto, que haja desdobramentos relevantes acerca da compreensão dos discursos construídos nos paratextos e sua relação com a recepção da obra em diferentes momentos da história.

## REFERÊNCIAS

AGUILAR, José. *Nota Editorial*. In: SHAKESPEARE, William. *Obra completa*. Vol. I. “Tragédias”. Nova versão, anotada, de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1988. p. 11-12.

BATCHELOR, Kathryn. *Translation and Paratexts*. New York: Routledge, 2018.

BRANDÃO, Helena Nagamine. “Enunciação e construção do sentido.” In FIGARO, R. (Org.) *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 09-18.

BUENDÍA, Carmen Toledano. “Listening to the voice of the translator: A description of translator’s notes as paratextual elements.” In *The International Journal for Translation and Interpreting Research*, v. 4, n. 2, p. 149-162, 2013.

CARNEIRO, Teresa Dias. *Contribuições para uma teoria do paratexto do livro traduzido: o caso das traduções das obras literárias francesas no Brasil a partir de meados do século XX*. 398 f. (Tese). Doutorado em Letras — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2014. Mimeo.

CUNHA, Tristão da. *Prefácio do Tradutor*. In SHAKESPEARE, William. *A Tragédia de Hamleto*, Príncipe da Dinamarca. Trad. do Inglês segundo o texto de Cambridge por Tristão da Cunha. Rio de Janeiro: Schmidt Editora, 1933. p. 05-07.

\_\_\_\_\_. *Obras de Tristão da Cunha*. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora; Brasília: INL, 1979, p. 28-56.

ELIOT, T. S. *Hamlet e seus problemas*. In SHAKESPEARE, William. *Hamlet, príncipe da Dinamarca*. Trad., introd. e notas Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2015. p. 33-39.

FUNCK, Elvio. *Introdução*. In SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Trad. interlinear e notas de Elvio Funck. São Leopoldo: Unisinos, 2005. p. 07-11.

GENETTE, Gérard. *Paratexts: Thresholds of interpretation*. Trans. Jane E. Lewin. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HELIODORA, Bárbara. *Introdução à Primeira Edição de Hamlet*. In SHAKESPEARE, William. *Hamlet; Macbeth*. Trad. de *Hamlet* por Anna Amélia Carneiro de Mendonça; Trad. de *Macbeth* por Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 07-17.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Segunda Edição de Hamlet*. In SHAKESPEARE, William. *Hamlet e Macbeth*. Trad. de *Hamlet* por Anna Amélia Carneiro de Mendonça; Trad. de *Macbeth* por Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 19-23.

LEFEVERE, André. *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*. Routledge: New York, 1992.

MARTINS, Márcia Amaral Peixoto. *A instrumentalidade do modelo descritivo para a análise de traduções: o caso dos Hamlets brasileiros*. 311 f. (Tese). Doutorado em Comunicação e Semiótica — PUC/São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. “A voz dos tradutores shakespearianos em seus paratextos.” *TradTerm*, São Paulo, v. 26, p. 87-120, dez-2015.

MENDES, Oscar. *A vida de Shakespeare na vida do seu tempo*. In SHAKESPEARE, William. *Obra completa*. Vol. I. “Tragédias”. Nova versão, anotada, de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1988. p. 45-48.

O’SHEA, José Roberto. *Introdução*. In SHAKESPEARE, William. *O primeiro Hamlet: In-quarto de 1603*. Org. e trad. José Roberto O’Shea. São Paulo: Hedra, 2010. p. 9-40.

NUNES, Carlos Alberto. *Introdução Geral e Plano de Publicação do Teatro Completo*. In SHAKESPEARE, William. *O Teatro Completo de Shakespeare: Tragédias*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. p. 04-10.

PEREIRA, Lawrence Flores. *Introdução*. In SHAKESPEARE, William. *Hamlet, príncipe da Dinamarca*. Trad., introd. e notas Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2015. p. 07-32.

\_\_\_\_\_. *Nota sobre a tradução*. In SHAKESPEARE, William. *Hamlet, príncipe da Dinamarca*. Trad., introd. e notas Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2015. p. 43-48.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Introdução*. In SHAKESPEARE, William. *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. Trad., em forma paralela ao original, por Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1955. p. 11-30.

SHAKESPEARE, William. *Cimbelino, Péricles e Hamleto*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, 1956.

\_\_\_\_\_. *O Teatro Completo de Shakespeare: Tragédias*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

\_\_\_\_\_. *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. Trad., em forma paralela ao original, por Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1955.

\_\_\_\_\_. *Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. Trad. Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. *Hamlet e Macbeth*. Trad. de *Hamlet* por Anna Amélia Carneiro de Mendonça; Trad. de *Macbeth* por Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

\_\_\_\_\_. *Hamlet*. Trad., introd. e notas Geraldo de Carvalho Silos. Rio de Janeiro: Editora JB, 1984.

\_\_\_\_\_. *Hamlet*. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: LP&M, 1988.

\_\_\_\_\_. *Hamlet*. Trad. interlinear e notas de Elvio Funck. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

\_\_\_\_\_. *Hamlet, príncipe da Dinamarca*. Trad., introd. e notas Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. *Obra Completa*. Vol. 1. "Tragédias". Nova versão, anotada, de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

\_\_\_\_\_. *O primeiro Hamlet: In-quarto de 1603*. Org. e trad. José Roberto O'Shea. São Paulo: Hedra, 2010.

\_\_\_\_\_. *Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, Príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Veneza*. Trad. F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

\_\_\_\_\_. *A Tragédia de Hamleto, Príncipe da Dinamarca*. A Tragédia de Hamleto, Príncipe da Dinamarca. Trad. do Inglês segundo o texto de Cambridge por Tristão da Cunha. Rio de Janeiro: Schmidt Editora, 1933.

\_\_\_\_\_. *Tragédias de Shakespeare: Romeu e Julieta, Hamlet e Macbeth*. Trad. Oliveira Ribeiro Neto. São Paulo: Martins Editora, 1960.

SILOS, Geraldo de Carvalho. *Introdução*. In SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Trad., introd. e notas de Geraldo de Carvalho Silos. Rio de Janeiro: Editora JB, 1984. p. XV-XXXIII.

TAHIR-GÜRÇAGLAR, Şehnaz. "What texts don't tell: the uses of paratexts in translation research." In Hermans, T. (Ed.). *Crosscultural Transgressions: Research Models in Translation Studies II: Historical and Ideological Issues*. Manchester: St. Jerome, 2002. p. 44-60.

VIEIRA, Pedro. *As traduções de Hamlet no Brasil: um estudo diacrônico dos paratextos*. 124 f. (Dissertação) Mestrado em Linguística Aplicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

Recebido em: 05/03/2021

Aceito em: 19/04/2021